

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

347.
P83



A PROMESSA DA
VINGANÇA

QUEIROZ

2.244

MANOEL D'ALMEIDA FILHO



A

Promessa da Vingança

Direitos adquiridos e registrado de acôrdo com a lei
na Biblioteca Nacional



RUA IPANEMA, 772 - FONE: 93-1374
SÃO PAULO

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

A PROMESSA DA VINGANÇA



Enquanto a aurora surge
Apagando os pirilampos
Rasga-se o manto da noite
Caindo na terra os tampos
A passarada se acorda
O sol ilumina os campos.

Os montes ficam dourados
Pelos raios de Apolo
O orvalho vai caindo
A brisa soprando o solo
O sertão balança as serras
Ninando o dia em seu colo.

Escuta-se a passarada
Pela campina trinando
Nas porteiras dos currais
Os vaqueiros aboiando
O dia acorda contente
Com a natureza cantando.

Nessa hora tão saudosa
Vamos seguir numa senda
Por entre serras, chegarmos
Numa pequena fazenda
Aonde se desenrola
Uma chacina tremenda.

Chegando, vamos ficar
 Da porteira observando
 O vaqueiro da fazenda
 Uma vaca desleitando
 Porém muito amedrontado
 Com o patrão conversando.

— Coronel, o senhor soube
 Do caso que aconteceu
 Na fazenda Serra Negra
 Do doutor Bartolomeu?
 A casa foi assaltada
 Toda família morreu.

Com essa, são seis fazendas
 Que ficaram destruídas
 Por Zé Moleque, o bandido
 Que tem as mãos homicidas
 Saciando os seus instintos
 Somente em ceifar as vidas.

E o pior, é que se diz
 Que punhal não fura ele
 E também, que não tem bala
 Que entre no couro dele
 Eu queria dar-lhe um tiro
 P'ra bala não entrar nele!...

Porque este meu revólver
 Nunca enfeitou couro duro
 Certa vez eu já varci
 Cinco tijolos dum muro
 Deus me ajudando, com ele
 Até Satanás eu furo.

Diante o que já expuz
 A situação é feia
 O senhor pegue a família
 E vá deixar na aldeia
 Embora que fique longe
 Com nove léguas e meia.

Porém fica protegida
 Contra o bandido assassino
 Depois arme uns vinte homens
 Que nenhum seja molino
 Para guardarem a fazenda
 Salvando assim seu destino.

O coronel disse: — Eu hoje
Transportarei a família
Levarei meus oito filhos
Com minha espôsa Cecília
E você fica na casa
Para zelar da mobília.

Na volta vou preparar
Uma turma de coragem
Que se o bandido vier
Perderá tôda vantagem
Porque em vez de matar
Acha “o chapéu da viagem”.

Porém, enquanto o vaqueiro
Conversa com o coronel
O bandido aproximou-se
Como assassino cruel
Ficou ouvindo a conversa
Sem fazer nenhum tropel.

Porque Zé Moleque tinha
Deixado o bando escondido
Para arrasar a fazenda
Sôzinho êle tinha ido
Sabendo que encontrava
O dono desprevenido.

Ouvindo a conversa disse:
Meu vaqueiro cumpra a jura,
Puxe o seu revólver e faça,
A pontaria segura .
Atire em mim para ver
Se uma bala me fura.

Com essa voz o vaqueiro
Deu um salto apavorado
Já com o revólver em punho
O patrão gritou vexado:
— Esse bandido lhe mata
Vaqueiro, tenha cuidado.

Porém o vaqueiro disse:
— Nunca enjitei cabra ruim
E um bandido sôzinho
Não pode enfrentar a mim
Um cabra safado dêste
A gente mata é assim!...

Levantou o braço e fêz
 Uma descarga certa
 No peito do cangaceiro
 E viu a bala primeira
 Bater e cair no chão
 Indo até a derradeira.

Ao terminar a descarga
 O cangaceiro sorriu
 E disse: — Você está vendo
 Que seu revólver mentiu?
 Suas balas são de cêra,
 Uma só não me feriu.

Disse o vaqueiro: — É verdade,
 Porém eu agora juro
 Que meu punhal não enverga
 Porque é de aço duro
 E um bandido dessa marca
 Até nos olhos eu furo.

Puxou o punhal possante
 Com tôda raiva avançou
 Quando levantou o braço
 José Moleque atirou
 Bem debaixo do sovaco
 Que o vaqueiro tombou.

Quando o vaqueiro caiu
 Já o coronel estava
 Com um bom "Papo-Amarelo",
 E dum oitão atirava
 No cangaceiro, porém,
 Nenhuma bala furava.

Também com o tiroteio
 A coisa mais apertou
 O grupo de Zé Moleque
 Com os tiros avançou
 E por ordem do bandido
 A "Casa Grande" cercou.

Nessa hora os moradores
 Do coronel fazendeiro
 Vinham de todos os lados
 Cada um c'um granadeiro
 E assim travou-se a batalha
 Com o grupo cangaceiro.



PUXOU O PUNHAL POSSANTE
COM TÔDA RAIVA AVANÇOU
QUANDO LEVANTOU O BRAÇO
JOSÉ MOLEQUE ATIROU
BEM DEBAIXO DO SOVACO
QUE O VAQUEIRO TOMBOU

A mulher do fazendeiro
Foi correr por sua vez
Porém estava pesada
Por causa da gravidez
Já esperava a cegonha
Em dias do outro mês.

Entre o maior desespero
Saiu na porta da sala
Porém recebeu um tiro
No bucho e caiu sem fala
Saindo um pé da criança
Pelo buraco da bala.

Os filhos do coronel
Corriam desesperados
No meio do tiroteio
Porém caíam varados
Pelas balas assassinas
Dos bandidos celcrados.

O fazendeiro tombou
Ferido no tiroteio
E catorze moradores
Ficaram mortos no meio
Na grande carnificina
Daquela escangalho feio.

Dos capangas assassinos
Sòmente cinco morreram
E os homens do fazendeiro
Quase todos pereceram
Apenas ficaram dois
Que entre a luta correram.

Também dos seus oito filhos
Naquele quadro de dor
Só escapou uma filha
Do massacre do horror
Por ter ido dormir
Na casa dum morador.

Era Adélia u'a mocinha
Com doze anos sòmente
Mas que tinha uma beleza
Duma estrêla reluzente
Brilhando no céu da vida
Numa luz fosforescente.

Nada sabendo voltou
Cedinho para o trabalho
Passando pelas veredas
Molhada pelo orvalho
Ao chegar em casa viu
O mais tremendo escangalho.

Afogada em grossas lágrimas
Começou examinando
Alguns já estavam mortos
Outros estavam arquejando
Adélia avistou seu pai
Morrendo, ainda falando.

A menina como louca
Abraçou o pai amado
Banhando-o com suas lágrimas
Dizendo: — Pai adorado
Quem nos fez esta desgraça?
Diga o nome do malvado?

Nesse instante, o coronel
Abrindo os olhos, falou:
— Foi Zé Moleque, o bandido,
Que a todos nós matou
Só você filha querida
Desta chacina escapou.

Nisso a garôta ajoelhou-se
E disse: — Papai querido,
Eu juro perante a fôrça
Do Messias concebido,
Que um dia ajustarei
Contas com esse bandido.

Vingarei todo este sangue
Que corre nesta matança
Enquanto não me vingar
A minh'alma não descansa
E p'ra isto cumprirei
"A Promessa da Vingança".

Nessa hora o fazendeiro
Abençoou-a e morreu
A menina levantou-se
Três passos à frente deu
E sobre o corpo da mãe
Soluçando se estendeu.

Beijou o corpo da mãe
Do pai e dos irmãozinhos
Depois seguiu seu destino
Trilhando os tristes caminhos
Enquanto chorava, ouvia,
As músicas dos passarinhos.

Enquanto Adélia seguia
Levava na sua mente
Os lances sentimentais
Daquele quadro pungente
Assim chegou na aldeia
Onde não tinha um parente.

Chegando também não disse
O que tinha acontecido
Dizia a todos, apenas
Que os pais tinham morrido
E que não tinha um parente
Neste mundo desvalido.

Porém como era muito
Honestas e trabalhadora
Não tardou em encontrar
Uma casa acolhedora
Onde ficou como filha
Essa pobre sofredora.

Tornou-se muito querida
Por todos daquela aldeia
Porque era muito linda
Cabelos como sereia
Tinha no preto dos olhos
O brilho da lua cheia.

Por esse tempo corria
A notícia da chacina
Diziam que a família
Nas mãos da corja assassina
Tinha toda perecido
No meio à carnificina.

Diziam até que Adélia
Tinha morrido também
Porém ela estava viva
Sem declarar-se a ninguém
Forjando a sua vingança
Para destruir alguém...

A fazenda de seu pai
Ficou lá abandonada
Tudo que tinha acabou-se
Ninguém tomou mais chegada
A casa virou tapera
Em cada canto u'a ossada.

Isso porque, os cadáveres
Foram todos devorados
Pelas aves de rapina
Por não serem sepultados
Porque todos os vizinhos
Fugiram desesperados.

Justiça naquele tempo
Só tinha nas capitais
No sertão só as volantes
Passavam nos arraiais
Por isso, a lei sertaneja
Era bala e nada mais.

Assim mesmo essas volantes
Só andavam no sertão
Quando havia cangaceiros
Fazendo devastação
Mas raras vêzes traziam
Bandidos para a prisão.

Nesse período passavam
Patrulhas de quando em quando
Procurando Zé Moleque
Que ia continuando
Sua vida criminosa
Matando gente e roubando.

Completando quatro anos
Dessa tragédia de Adélia
Ela estava tão bonita
Como uma flor de Camélia
Do seu corpo rescendia
O olor da rosa-amélia.

Na casa aonde morava
Era demais visitada
Pelos moços da aldeia
Por quem era disputada
Porém ela conformava
A tôda a rapaziada.

Aos que se adiantavam
 Tratando de casamento
 Ela dizia que tinha
 Feito um santo juramento
 Que mandava em sua vida
 Como o único mandamento.

Dizia ter feito um voto
 Em uma hora de pressa
 E quem deve que não paga
 A sua dívida não cessa
 Assim, só se casaria
 Quando pagasse a promessa.

Dizia: É um compromisso
 Que a minha alma cansa
 E só quando resgatá-lo
 O meu coração descansa
 Porque só tinha na alma
 O fantasma da vingança.

Passava por esse tempo
 Pela aldeia uma volante
 Procurando cangaceiros
 Tendo como comandante
 Um tenente muito moço
 De nome Antônio Amarante.

Assim que o tenente viu
 Adélia numa janela
 Sentiu-se logo atraído
 Pela formosura dela
 Nessa noite não dormiu
 Só pensando na donzela.

No outro dia tomou
 Sobre ela informação
 E depois determinou-se
 Ir declarar-lhe a paixão
 Que inundava o seu peito
 Afogando o coração.

Chegando lá disse à moça
 Do seu desejo o intento
 Mas ela disse: — O senhor,
 Tem todo merecimento
 Porém não posso casar-me
 Devido a um juramento.

Eu tenho uma promessa
Que necessito pagar
Espero oportunidade
Para poder resgatar
E enquanto ela não for paga
Não poderei me casar.

Disse o tenente vexado:
— Isso não discutiremos
Diga logo essa promessa
Que nós juntos pagaremos
Terminando o impecilho
Dentro em pouco casaremos.

Adélia disse: — Eu jamais
Farei tal revelação
Porque só eu mesma posso
Cumprir a minha missão
É um juramento sagrado
Que limpa meu coração.

O tenente disse: — Então,
Eu peço a sua clemência
Quando pagar a promessa
Dê-me a sua preferência
Ela disse: — Eu lhe ofereço
Minha alma e consciência.

O tenente despediu-se
Alegre e esperançado
Na noite daquele dia
Houve um folguêdo animado
Numa casa da aldeia
Na festa dum batizado.

Quando havia qualquer festa
Adélia era a primeira
Convidada para o baile
Por ser boa dançadeira
E mesmo era o orgulho
Dos rapazes da ribeira.

Mas o tenente não soube
Da festa do batizado
Recolheu os seus praças
Na casa do delegado
E também deitou-se cedo
Por estar muito enfadado.

As nove horas da noite
 O baile estava "esquentando"
 Um tocador dos melhores
 Na sanfona dedilhando
 Os velhos dando risadas
 E a mocidade valsando.

O bandido Zé Moleque
 Ia passando distante
 Porém ouvindo a sanfona
 Seguiu no rumo, ofegante
 Sem imaginar que ia
 Se encontrar com a volante.

Chegou no baile e cercou
 Com a sua capangagem
 Disse: — Não corra ninguém
 Porque eu não sou "visagem"
 Sou Zé Moleque falado
 Quero ver quem tem coragem.

Nessa hora as moças tôdas
 Do salão foram fugindo
 De mulher, somente Adélia
 Ficou na sala sorrindo
 Enquanto a alma chorava
 Os lábios estavam fingindo.

Zé Moleque admirou-se,
 Vendo em Adélia um jardim
 Sorridente para êle,
 Perguntou a ela assim:
 — Por que também não correu?
 Não sente medo de mim?

— Não senhor, disse a cabocla
 Eu sinto prazer em vê-lo
 Há muito que desejava
 Encontrá-lo e conhecê-lo
 Porque o amo na vida
 Com todo amor e desvê-lo.

Tôda a minha simpatia
 É pela sua bravura
 Porque eu só amo um homem
 Da natureza bem dura
 Que para me defender
 Mate qualquer criatura.

— NÃO SENHOR, DISSE A CABOCLA
EU SINTO PRAZER EM VÊ-LO
HÁ MUITO QUE DESEJAVA
ENCONTRÁ-LO E CONHECÊ-LO
PORQUE O AMO NA VIDA
COM TODO AMOR E DESVÊ-LO.



Zé Moleque disse: — Então
 Vamos dançar, minha flor?
 Adélia respondeu: — Vamos
 Concretizar nosso amor
 No céu da minha inocência
 No trono do meu pudor.

Nesse instante, Zé Moleque
 Disse ao tocador Raimundo:
 — Pode puxar a sanfona
 Que vai dançar todo mundo
 Preto, branco, rico e pobre
 Limpo, sujo e vagabundo.

Raimundo com muito medo
 Foi logo um samba tocando
 José Moleque pegou
 Adélia e saiu dançando
 Os dois dançavam sorrindo
 Conversando e namorando.

O resto dos dançadores
 Tiveram que acompanhar
 Porque quem se recusasse
 Ele mandava matar
 E o tocador recebeu
 A ordem de não parar.

Porém nisso, alguém correu
 Na casa do delegado
 Lá acordou o tenente
 E deu-lhe o triste recado
 Com menos de meia hora
 O baile estava cercado.

Quando os bandidos sentiram
 Que estavam encurralados
 Avançaram para a porta
 Atirando nos soldados
 E recebendo também
 Balas por todos os lados.

O tiroteio travou-se
 Com a maior confusão
 Os cabras romperam o cerco
 Como um vento furacão
 Embora deixassem quatro
 Estrebuchando no chão.

Restabelecendo a ordem
Foi quando o tenente viu
Um soldado baleado
Que um bandido atingiu
Mas três pessoas feridas
Porém o chefe fugiu.

Os quatro cabras feridos
Morreram na mesma hora
E o tenente convidou
Seus praças e foi embora
Para curar o soldado
Que precisava melhora.

Enquanto isso, os rapazes
Cada qual mais resolvido
Foram dar parte ao tenente
Fazendo um grande alarido
Lá disseram que Adélia
Era cúmplice do bandido.

Pois que tinha o abraçado
Dando sinal de namôro
Conversando bem baixinho
Para maior desafôro...
Só esperavam a ordem
Para tirarem-lhe o couro.

O tenente ficou triste
Porque lhe tinha amizade
Disse: — Eu vou mandar prendê-la
Para apurar a verdade
Ela comigo eu mantenho
A responsabilidade.

Preparou uma patrulha
E mandou logo buscá-la
Porém o povo na rua
Queria à fôrça tomá-la
Para entre os habitantes
Como vingança rasgá-la.

Porém a patrulha era
Um grupo forte e valente
Que defendeu a donzela
Do rancor daquela gente
Até que enfim chegou
Com ela viva ao tenente.

Enquanto a cabocla tinha
 Sua vida garantida
 Bem defronte ao quartel
 Tôda turba enfurecida
 Gritava: Façam justiça!...
 Nos entreguem essa bandida.

Mas o tenente botou
 Tôda tropa em prontidão
 Depois foi ouvir Adélia
 Já trancada na prisão
 Muito embora que sentisse
 Partido o seu coração.

Abriu o xadrez e disse:
 — Peço não tremer a fala
 E dizer tôda a verdade
 Que é que pode salvá-la
 Se mentir eu a entrego
 Para o povo ir linchá-la.

Adélia viu-se perdida
 A verdade não negou
 Disse tudo do principio
 Como o drama se passou
 Na grande carnificina
 Quando a promessa jurou.

O tenente quando ouviu
 Disse: — Eu soube desse caso
 Todo episódio passado
 E fiquei horrorizado
 Porque soube que não tinha
 Uma pessoa escapado.

Adélia disse: — Porém,
 Graças a Deus escapei
 Mas para salvar a vida
 Agora a você contei
 Porém a minha promessa
 Como cumpri-la, não sei.

O tenente disse: — Adélia,
 Serei sempre seu amigo
 Se você me garantir
 No fim se casar comigo
 Eu lhe ajudarei até
 Matarmos esse inimigo.

Adélia disse: — Tenente,
É esta a minha esperança
Desde o dia que lhe vi
Que lhe trago na lembrança
Porém não posso casar-me
Sem fazer minha vingança.

Amarante disse: — Agora,
Sem precisar testemunhas
Vamos tratar nossos planos
Prepararmos nossas "cunhas"
Para depois o bandido
Vir cair em nossas unhas.

Traçaram todos planos
Acertaram a decisão
Depois o tenente foi
Consolar a multidão,
Confirmando que a moça
Ficaria na prisão.

E mesmo se fôsse solta
Ficaria garantida
Pois ela não tinha crime
Para que fôsse punida
E quem tentasse ofendê-la
Pagaria com a vida.

Mas nascendo o outro dia
O tenente procurou
Uma casa ao seu gosto
E para a moça alugou
Ela foi morar sózinha
E ninguém desconfiou.

Porém a despesa toda
Foi por conta do tenente
E depois ficou mantendo
A donzela ocultamente
Fazendo tudo escondido
Preparando o ambiente.

Em horas mortas da noite
O tenente com cautela
Abriu um subterrâneo
Na morada da donzela
Em um canto da cozinha
Perto de uma janela.

Fêz uma cova bem feita
Onde cabia êle bem
Por cima pôs umas tábuas
E muita terra também
Que depois de bem socada
Não dava cisma a ninguém.

Tudo pronto, agora vamos
Deixar bem esclarecido
Como Adélia descobriu
Onde morava o bandido
Assassino de seus pais
E como foi atraído.

Enquanto a moça dançava
Com o capanga malvado
Perguntou e êle disse
Onde vivia acampado
Em uma furna no pé
De um rochêdo escarpado.

Isso ficava num monte
Dentro da mata fechada
Distante umas cinco léguas
Daquela aldeia habitada
Vamos saber como Adélia
Descobriu essa morada.

Primeiro ela combinou
Com o seu tenente amigo
Preparou-se e viajou
Procurando o inimigo
Enfrentando em sua vida
O mais tremendo perigo.

Viajou um dia todo
Dentro da mata perdida
Por uma onça feroz
Vendo a hora ser comida
Anoitecendo subiu-se
Numa árvore fêz dormida.

Deu uns cochilos, porém
Quando a luz do sol raiou
Desceu dali, foi seguindo
Numa verêda encontrou
Um bandido com um rifle
Que a vendo perguntou:

— Quem é você e o que faz
Por esta mata sózinha
Deus quando manda é assim!
Arroz cozido e galinha!...
Porque de qualquer maneira
Você aqui vai ser minha!...

Porém Adélia que ia
Com um bom revólver armada
Gritou para o cangaceiro
Já com a arma apontada
— Não se mexa, porque morre
Com a cabeça varada.

O bandido amedrontado
Falou querendo acalmá-la:
— Por Deus guarde esse revólver
Embora tremendo a fala
Disse a moça: — Não se bula
Se não, lhe meto uma bala.

Pelo que vejo você
Pode responder-me agora
Se conhece Zé Moleque
E se sabe onde ele mora
Se sabe, não se aborreça
Me leve lá sem demora.

O bandido disse: — Eu sei,
Pertencço ao grupo dele
Por ser um homem valente
Eu confio muito nêle
E se a senhora quiser
Poderei levá-la até êle.

Adélia respondeu: — Quero,
Porém você me obedeça
Siga logo em minha frente
Não olhe atrás nem se cresça
Se não, dou-lhe uma descarga
Que lhe arranco a cabeça.

O capanga obedeceu
Seguiu adiante, ela atrás
Andaram dentro da mata
Umás três horas ou mais
Até que enfim chegaram
Ao cangaceiro voraz.

Quando Zé Moleque viu
 O seu capanga chegando
 Sôbre a mira de um revólver
 Foi logo se levantando
 Porém sorriu quando viu
 Adélia se aproximando.

E disse para o capanga:
 — Onde está o seu mister?
 Que chega prisioneiro
 Por uma simples mulher?
 Disse o bandido: — Patrão,
 Ela mata seu qualquer.

Vem só à sua presença
 Diz que é sua querida
 Botou-me o revólver como
 Uma cachorra mordida
 E eu tive que vir trazê-la
 Para não perder a vida.

Zé Moleque disse: — Assim,
 É que quero u'a mulher
 Que em luta precisando
 Mate um bandido qualquer
 Defendendo a sua vida
 Acabe quantos puder.

Disse Adélia: — Pois sou eu
 Que estou ao seu dispor
 Vim somente procurá-lo
 Para entregar meu amor
 Com que posso defendê-lo
 Dentro do maior horror.

Ouvindo aquelas palavras
 O bandido encandeou-se
 Acreditando em Adélia
 Nas lábias dela enganou-se
 Conduzindo-a pela mão
 Dos seus cabras afastou-se.

Bem longe os dois se sentaram
 Adélia pôde encostar-se
 Deu um beijo no bandido
 Que fez êle arrepiar-se
 Aproveitando o ensêjo
 Começou a declarar-se:

QUANDO ZÉ MOLEQUE VIU
O SEU CAPANGA CHEGANDO
SOBRE A MIRA DE UM REVÓLVER
FOI LOGO SE LEVANTANDO
PORÉM, SORRIU QUANDO VIU
ADÉLIA SE APROXIMANDO



— Querido, eu vim, mas não posso
 Aqui com você viver
 Porque entre os seus capangas
 Todos hão de me querer
 E eu preciso matar gente
 Se quiser me defender.

Porque dizem que eu sou
 Uma cabocla bonita
 Assim, eu ficando aqui
 O grupo se precipita
 Você não pode perdê-lo
 Porque dêle necessita.

Portanto, vamos agora
 Resolver nossa "parada"
 Estou morando sòzinha
 Em uma casa afastada
 Aonde posso esperá-lo
 Sem ninguém saber de nada.

Sò teremos que aguardar
 Uma pequena demora
 Esperamos até quando
 A volante fôr embora
 Quando você pode ir
 Qualquer dia ou qualquer hora.

Pode ir em qualquer noite
 Que seja escura ou de lua
 Porque nossa casa fica
 Um pouco fora da rua
 E sòmente nesse dia
 Lá eu serei tôda sua.

José Moleque aceitou
 Embora desconfiado
 Porém Adélia ajeitou-o
 Beixando-o apaixonado
 Foi como pôde voltar
 Com o "golpe" preparado.

José Moleque mandou
 Um capanga observá-la
 Porém o bandido nunca
 Viu ninguém ir visitá-la
 Pois o povo da aldeia
 Passou todo a odiá-la.

Só mesmo o tenente tinha
Algum contato com ela
Isso mesmo, à meia-noite
Entrando pela janela
Até que chegou o dia
Da vingança da donzela.

Porque uma certa tarde
O tenente preparou
Os soldados da volante
De um a um equipou
E depois de despedir-se
Com a tropa viajou.

Mas o cabra que fazia
Tôda a observação
Correu logo para a mata
Avisou ao seu patrão
Que veio na mesma noite
Matar a sua paixão.

Para matar seu intento
Deixo o bandido a caminho
Falo no tenente que
Num povoado vizinho
Deixou a sua volante
E depois voltou sozinho.

Como chegou pela noite
Na casa da moça entrou
E lá no subterrâneo
Com jeito se agasalhou
Quando bateu meia-noite
O cangaceiro chegou.

Bateu na porta e Adélia
Abriu com muito respeito
O bandido entrou olhando
Correu a casa com jeito
Não vendo nada demais
Ficou muito satisfeito.

Adélia disse: -- Você,
Necessita descansar
Eu vou armar uma rede
Para você se deitar
Enquanto eu vou à cozinha
Preparar o seu jantar.

O bandido que estava
De fato, muito enfadado
Aceitou a oferta
Sem ter o menor cuidado
Armou a rede e deitou-se
Mesmo de "pé espalhado".

Porém antes retirou
Com toda delicadeza
Um "patuá" de orações
Pôs em cima de u'a mesa
Com todas as suas armas
Que tinha como defesa.

O "patuá" era quem
O trazia imunizado
Contra bala e contra faca
O seu corpo era "fechado"
Porque sem as orações
Ele estava desgraçado.

Porém como êle ia ter
O contato com mulher
Para que o "patuá"
Não perdesse o seu mister
Teria que retirá-lo
Pô-lo num lugar qualquer.

Enquanto a moça corria
Na cozinha preparando
O jantar para o bandido
Ele lá foi cochilando
E de cochilo em cochilo
Com pouco estava roncando.

Assim enquanto o capanga
Ressonava lá na rede
O tenente no buraco
Estava "morto" de sede
Tomando ar por um cano
Que atravessava a parede.

Adélia saindo viu
O Moleque inconsciente
Pegou logo o "patuá"
Pôs no fogo incontinente
Depois escondeu as armas
E foi chamar o tenente.

Quando o tenente chegou
Que viu o cabra dormindo
Deu um abraço em Adélia
Dizendo: — Oh! serviço lindo!...
Nisso o capanga acordou-se
Os dois estavam sorrindo.

José Moleque pulou
Procurando o armamento
Porém o tenente disse:
— Descanse mais um momento
Para receber o prêmio
Do seu grande atrevimento.

O bandido recuou
Perguntando: — O que foi isto?
Essa crotina traiu-me
A emoção não resisto
Ela fez igual a Judas
Quando vendeu Jesus Cristo.

Mas Adélia respondeu:
— Eu não lhe fiz traição
Apenas lhe convidei
Vir a minha habitação
Para dar-lhe o pagamento
Da sua mal intenção.

Você deve se lembrar
Do que há anos praticou
Na fazenda de meu pai
Quando em um dia atacou
E todos os meus parentes
Com desprezo assassinou.

Eu sou a única pessoa
Que escapci da "matança"
Jurei em cima do sangue
Com meu ódio de criança
Que me vingava e estou
Fazendo a minha vingança.

Pois meu pai inda falou
No momento que cheguei
Dizendo que foi você...
Nas barbas dêle jurei
E "A Promessa da Vingança",
Eu agora cumprirei...

O bandido respondeu:
 — Você enganou-se agora
 Porque êsse tenentinho
 Não me agüenta uma hora
 Vou matar êle e você
 Para poder ir embora.

Porém o tenente disse:
 — O seu caso é muito sério
 Se entregue e não se oponha
 Acabe com êsse "império"
 É melhor ir p'ra cadeia,
 Do que para o cemitério.

O bandido nessa hora
 Disse: — Eu mesmo desarmado
 Vou matá-lo de estouro
 Para não ser tão safado
 E partiu para o tenente
 De cabelo arrepiado.

Mas o tenente que era
 Bem adestro para a luta
 Enfrentou o cangaceiro
 Com coragem, a fôrça bruta
 Adélia ficou de parte
 Apreciando a disputa.

Mas faltando a paciência
 Disse assim para o tenente:
 — Mate logo êsse bandido
 Êsse monstro inconsciente
 Que só com a morte dêle
 Pode descansar a gente.

O tenente disse: — Não,
 É necessário eu vencê-lo
 Dominá-lo à fôrça bruta
 É na cadeia prendê-lo
 Para que o povo o veja
 Não é vantagem abatê-lo.

Enquanto isso, a batalha
 Continuava apertada
 José Moleque lutava
 De rasteira e cabeçada
 E o tenente rebatia
 Dando balão e pésada.

Numa topada, o bandido
Arrebatou do tenente
Um punhal que êle tinha
Armado ficou contente
Dizendo: — Agora eu não temo
Nem ao Demo em minha frente.

Mas o tenente puxou
Uma peixeira afiada
Que tinha numa perneira
Como arma reservada
E disse: “E elas por elas”
Não há diferença em nada.

Porém o tenente era
Muito adestrado de fato
E na ponta do punhal
Pulava mais do que gato
Enquanto José Moleque
Não passava de um “pato”.

Assim, na luta, o bandido
Nunca ao tenente atingia
E o tenente, sempre, sempre
Ao cangaceiro feria
A peixeira entrava mole
Como faca em melancia.

Mas Adélia vendo a hora
O tenente ser ferido
Resolveu auxiliá-lo
Para vencer o bandido
Entrou na cozinha e trouxe
Um pau de lenha polido.

Quando o capanga pulou
Adélia esperou-o de frente
Passou-lhe o pau na cabeça
O cabra tombou doente
Já revirando os dois olhos
Caiu nos pés do tenente.

O tenente disse: — Adélia,
Me chamarão de covarde
Você abateu o homem
O meu pensamento arde
A moça disse sorrindo:
— Ele já foi morto tarde.

Disse o tenente: — Porém,
 Eu queria era prendê-lo
 Levá-lo para a prisão
 Para todo mundo vê-lo
 Adélia disse: — Pois eu
 Queria mesmo abatê-lo.

Agora me dê um beijo
 Que meu coração descansa
 Para que esta tragédia
 Fuja da minha lembrança
 Porque já está cumprida
 “A Promessa da Vingança”.

Nisso o tenente abraçou-a
 E beijou-a bem na boca
 Os lábios foram colados
 Naquela canseira louca
 Terminando Adélia disse:
 — A vingança inda foi pouca.

O bandido estava morto
 Com o crânio esfacelado
 O tenente foi correndo
 Na casa do delegado
 O dia estava amanhecido
 O povo todo acordado.

Quando correu a noticia
 Do que tinha acontecido
 Todo o povo da aldeia
 Foi olhar para o bandido
 E dar os seus parabéns
 Ao tenente destemido.

Também parabenizar
 Adélia e pedir perdão
 Porque pensava que ela
 Tinha feito uma traição
 Porém sabendo a verdade
 Dava-lhe tôda a razão

O corpo do bandoleiro
 Depois de amortalhado
 No cemitério local
 À tarde foi sepultado
 Deixando assim para sempre
 O pessoal descansado.

Na mesma tarde o tenente
Seguiu para a capital
Onde foi bem recebido
Pelo comando geral
Com elogios honrosos
E um prêmio especial.

Isso porque descreveu
Tudo como se passou
Como o capanga atraído
Em suas mãos se entregou
Como queria prendê-lo
Mas a moça não deixou.

Porque Adélia temia
Que o bandido vencesse
Ao tenente e depois ela
Novo vexame sofresse
Assim matou-o evitando
Que o tenente o prendesse.

Ao depois das homenagens
O tenente resolveu
Regressar para a aldeia
O comando concedeu
Quinze dias de licença
Para a festa do himeneu.

De volta trouxe o vigário
Mais o juiz de direito
Na capela da aldeia
Seu casamento foi feito
Dentro do maior prazer
De paz, conforto e conceito.

Depois o tenente foi
Promovido a capitão
Foi morar na capital
Levando a flor do sertão
Que tinha o riso nos lábios
E o amor no coração.

Adélia assim foi feliz
Lutando desde criança
Muito ajudou-a o tenente
Em dar-lhe toda esperança
Incentivou-a a seguir
Deu-lhe amor para cumprir
A Promessa da Vingança.

Procure em tôdas as bancas

MELODIAS

a melhor revista de letras de música

MELODIAS

é revista de rádio e televisão

MELODIAS

ensina você a tocar violão por um novo método revolucionário, verdadeiramente sem auxílio de professor!

MELODIAS

publica partituras de música para harmônica

MELODIAS

publica os últimos sucessos da música popular e sertaneja

MELODIAS

é uma revista inédita! É sensacional!

MELODIAS

encontra-se à venda em tôdas as bancas

7688



BOAS MANEIRAS, ETIQUETA DE TÔDAS AS REGRAS DE COM-
PORTAMENTO EM SOCIEDADE, AO ALCANCE DE TODOS



PEDIDOS À EDITORA PRELÚDIO LIMITADA
RUA IPANEMA, 772 — FONE: 93-1374 — SÃO PAULO

SNB